

A IMAGINAÇÃO CRIADORA COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID

Anderson Castro de Santana ¹ - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2095-7208>

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA*

Artigo recebido em 22/06/2021 e aceito em 31/07/2021

RESUMO

O presente artigo pretende discutir as possibilidades do uso da imaginação criadora, ou poética, como metodologia do ensino de Geografia, pois após observações feitas em aulas de Geografia para alunos do ensino médio de Salvador, notamos que o aporte teórico-metodológico que os professores adotam para suas aulas não buscam tocar no que se refere a imaginação dos alunos, muitas vezes ela não é incentivada e explorada para a construção dos saberes geográficos. Nesse contexto, vamos discutir a luz do filósofo Bachelard (1991, 1993, 1994, 2006) a imaginação, em destaque a imaginação poética que pode nos trazer a reflexão que ciência e imaginação não são polos opostos e sim complementares, suas possibilidades e como ela pode ser trabalhada em sala de aula, depois vamos tentar propor um diálogo com o autor Vygotsky (2009) que tem uma ideia relativamente parecida com a de Bachelard, sobre esta temática, mas faz conexões com a aprendizagem. Para análise desta pressuposição foi feita uma experiência no projeto de iniciação à docência no Instituto Federal da Bahia, no ano de 2017, durante o mês de maio e com isso analisamos que a imaginação poética pode ser bastante benéfica para as aulas de Geografia, se adotada como um elemento metodológico para compor as aulas de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; imaginação poética; fenomenologia.

* Licenciado em Geografia (IFBA - Salvador) E-mail: andersoncastro.s@hotmail.com

CREATIVE IMAGINATION AS A METHODOLOGICAL POSSIBILITY IN GEOGRAPHY CLASSES: AN EXPERIENCE IN PIBID

ABSTRACT

This article aims to discuss the possibilities of using creative imagination, or poetics, as a methodology for teaching Geography, because after observations made in Geography classes for high school students in Salvador, we noticed that the theoretical-methodological contribution that teachers adopt for their classes, they do not seek to touch the students' imagination, which is often not encouraged and explored for the construction of geographic knowledge. In this context, we will discuss the light of the philosopher Bachelard (1991, 1993, 1994, 2006) the imagination, highlighting the poetic imagination, its possibilities and how it can be worked in the classroom, then we will try to propose a dialogue with the author Vygotsky (2009) who has a relatively similar idea to Bachelard's on this topic, but makes connections with learning. To analyze this assumption, an experiment was carried out in the project of initiation to teaching at the Instituto Federal da Bahia, in the year 2017, during the month of May, and with that we analyzed that poetic imagination can be quite beneficial for Geography classes, if adopted. as a methodological element to compose Geography classes.

Keyword: teaching geography; poetic imagination; phenomenology.

L'IMAGINATION CRÉATIVE COMME POSSIBILITÉ MÉTHODOLOGIQUE DANS LES CLASSES DE GÉOGRAPHIE : UNE EXPÉRIENCE EN PIBID

ABSTRAIT

Cet article vise à discuter des possibilités d'utiliser l'imagination créatrice, ou poétique, comme méthodologie d'enseignement de la géographie, car après des observations faites dans les cours de géographie pour lycéens à Salvador, nous avons remarqué que la contribution théorique et méthodologique que les enseignants adoptent pour leurs cours, ils ne cherchent pas à toucher l'imagination des élèves, qui n'est souvent pas encouragée et explorée pour la construction des connaissances géographiques. Dans ce cadre, nous aborderons la lumière du philosophe Bachelard (1991, 1993, 1994, 2006) sur l'imaginaire, mettant en lumière l'imaginaire poétique, ses possibilités et comment il peut être travaillé en classe, puis nous essaierons de proposer un dialogue avec l'auteur Vygotsky (2009) qui a une idée relativement similaire à celle de Bachelard sur ce sujet, mais fait des liens avec l'apprentissage. Pour analyser cette hypothèse, une expérience a été réalisée dans le projet d'initiation à l'enseignement à l'Instituto Federal da Bahia, en 2017, au cours du mois de mai et avec cela nous avons analysé que l'imagination poétique peut être très bénéfique pour les cours de géographie, s'il est adopté, comme élément méthodologique pour composer des cours de géographie.

Mot-clé : enseignement de la géographie, imaginaire poétique, phénoménologie

INTRODUÇÃO

“Através da abstração, o intelecto produz o conceito. A imaginação é a área de encontro entre os sentidos e o intelecto, a partir dos fantasmas na imaginação, o intelecto deles abstrai aquele que é comum e necessário a todos os fantasmas de objetos similares...” (JOSEPH, 2008, p. 40).

A imaginação, assim como a arte, é historicamente subestimada no ambiente científico, pois era - ou é considerada irrelevante devido a ciência cartesiana e positivista que domina e influencia a sociedade e a comunidade científica, a influência deste modelo de ciência se estende para o ensino e propagação do conhecimento nas escolas, fenômeno que podemos observar nas metodologias de ensino, geralmente, dualistas e racionalistas que são adotadas e aplicadas no ambiente escolar, mas devido a estudos como os de Bachelard (1991, 1993, 1994, 2006) e Durand (1988) autores que debatem a imaginação e sua importância para a contribuição da compreensão de variados fenômenos a quais muitos são objetos de estudo científico.

Pujol (2002, p. 16) afirma que “A ciência fornece a motivação racional, que nutre a intuição estética e artística, e a arte oferece instrumentos intuitivos para se apropriar dos conceitos que a ciência propõe.” Ou seja, elas são complementares, pois existe uma relação profunda entre a ciência e imaginação, quem defende essa ideia de ciência e imaginação serem categorias complementares é Bachelard (2006), o autor fala de uma dupla pedagogia em que razão e imaginação são complementos, pois acredita no humano diurno e noturno, onde se constrói pensamentos durante as vinte e quatro horas, o homem diurno cria o pensamento racional guiado pelos conceitos e o diurno cria o pensamento onírico guiado pelos devaneios, Bachelard (2006) entende que as imagens e os conceitos formam os dois pólos opostos da atividade intelectual representados pela imaginação e pela razão (ZANETIC, 2002).

Partindo da ideia de que a imaginação pode ser uma categoria muito importante para a ciência, eu proponho pesquisar sobre essa dialética e o quanto ela pode ser necessária em sala de aula para se compreender a Geografia moderna, visto que o pressuposto desta abordagem metodológica para uma aula é de oferecer estímulo para uma total liberdade ao aluno de criar fenômenos que saem do espaço imaginável e se constituem no espaço sensível, dialogando a teoria abstrata com o seu conhecimento prévio e experiências, fazendo relações e compreendendo o assunto de forma contextualizada as suas vivências.

Dessa forma acredito que a imaginação deveria ter mais espaço no aporte teórico-metodológico que os professores adotam para suas aulas, em razão de que quando estimulada ela pode virar uma ferramenta de simples aplicação e de grandes resultados.

O QUE É A IMAGINAÇÃO CRIADORA

Antes de trabalhar devemos conceituar e entender o que é a imaginação criadora, ela se trata de um conceito criado pelo filósofo francês Gaston Bachelard. Quando se fala de imaginação, em Bachelard, devemos considerar duas vertentes de uma mesma realidade imaginativa, ou seja, dois lados de uma mesma moeda, nos livros *A poética do devaneio, direito de sonhar e A terra e os devaneios da vontade* autor conceitua essas duas dimensões do imaginário que são a: imaginação formal, que é uma imaginação ociosa que resulta da contemplação passiva do mundo. Através da imaginação formal o homem se distancia do mundo, contemplando-o como espetáculo e a imaginação criadora, ou material, que recupera o mundo como provocação concreta e como resistência, a solicitar a intervenção ativa e modificadora do homem: o homem demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro – tanto da ciência como da arte (BACHELARD 2006/1991)

Pode-se perceber a ambiguidade entre as imaginações na imaginação formal o homem é apenas um observador e reproduzidor do mundo material, já na imaginação criadora o homem é posto contra o mundo material, contra a materialidade das coisas, o ser procura superar as coisas concretas através da imaginação. Para Bachelard, essa dialética, do mundo com o homem, que percebemos na imaginação criadora, se mostra na imaginação que se dá as produções literárias “recebemos dela um dinamismo psíquico novo. Portanto, acreditamos ter a possibilidade no simples exame das imagens literárias, de descobrir uma ação iminente da imaginação” (BACHELARD, 1991, p 5).

Para entendermos melhor a imaginação criadora Bachelard, em seu livro *A terra e os devaneios da vontade*, traz várias metáforas para que possamos compreender didaticamente a sua teoria. Bachelard traz as metáforas como suporte didático porque acredita que as metáforas fazem um papel de intermediário entre o imaginário e a ação do indivíduo sobre o mundo material.

Trago aqui a metáfora da ferramenta de Charles Louis Philippe:

Os tamancos não se fazem sozinhos. A madeira é mais dura do que as pedras, dir-se-ia que faz frente ao operário e se aferra em tornar-lhe a vida difícil. Baptiste atacava-a como a um inimigo. Com um braço terrível, quando havia conseguido enfiar em seu pedaço as cunhas de ferro, levantava o malho, e quando o abaixava, parecia numa luta corpo a corpo, lançar-se sobre a madeira ao mesmo tempo. Era preciso que um dos dois cedesse, que as cunhas entrassem até o fim da fibra rebentada, ou que o homem vencido pela resistência, rebentasse em vez da madeira. (BACHELARD, 1991, P 45)

Fazendo uma análise podemos supor que o tamanco é uma obra literária, uma poesia, ou qualquer outro fruto da imaginação criadora e que a matéria-prima é o mundo e a ferramenta que ele utiliza é a

imaginação, então podemos ver a dialética entre o mundo e a imaginação criadora.

Em resumo, podemos dizer que a imaginação criadora de Bachelard se refere a imaginação com o poder de criatividade para se alcançar a criação. Então vamos falar um pouco sobre esse ato de criação tão forte no conceito do filósofo, para Richter (2006, p.3) “Em Bachelard o ato criador é ato de aprender a iniciar um gesto no mundo para dar outro curso às coisas através do esforço manual/corporal integrado ao intelectual, ou seja, enquanto pensamento em ato.”

Acreditamos que é possível estabelecer uma semelhança da abordagem de imaginação criadora de Bachelard (1991;2006) com a abordagem da atividade criadora que Vigotski (2009) faz, para Vigotski “Chamamos atividade criadora a toda realização humana criadora de algo novo, já se trate de reflexos de algum objeto do mundo exterior, já de determinadas construções do cérebro ou de sentimento, que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano.” (VIGOTSKI, 2009, p.2).

A imaginação criadora e a atividade criadora se assemelham na questão da produção de novas imagens e não na reprodução delas, pois nosso cérebro não se limita a condição de guardar e reproduzir experiências, como um ser passivo no mundo, a base para a criação é a capacidade do ser dialogar o concreto do mundo com o fluido da imaginação, combinar o antigo com o novo e criar uma nova coisa, um novo signo, isso acontece muito nas atividades envolvendo criações artísticas, a aluna (o) traz suas vivências, conhecimento prévio e une ao conteúdo estudado na escola, para cumprir uma atividade autoral, de criação de pinturas, desenhos, músicas e etc.

A imaginação criadora e a aprendizagem

O ato de imaginar e o ato de criar o que se imaginou constitui o pilar base da imaginação criadora e para fazer o diálogo entre essa teoria e a importância dela no processo de ensino-aprendizagem vamos tentar compreendê-la, primeiramente é preciso falar da importância da imaginação no processo de ensino-aprendizagem e depois vamos abordar a importância do processo de criatividade ou ato de criação.

A atividade de imaginar, geralmente, está relacionada a fuga da realidade, logo contrário ao pensamento racional e “útil” que se ensina nas escolas. Então, se enxerga a imaginação como algo interno que independe das condições exteriores, mas Vygotsky diz que o processo de imaginar não é tão simples assim e vai de contra a maioria dos autores de sua época afirmando que a atividade de imaginar não era pura e simplesmente uma forma de prazer (FURTADO, 2013).

“(…) esses autores consideram a imaginação, em suas formas primárias, como uma atividade subconsciente, como uma atividade que serve não ao conhecimento da realidade, mas à obtenção de prazer,

como uma atividade não-social, de caráter não-comunicável.” (VIGOTSKI,1998 p.117-118). Para Vygotsky (2009) a realidade compõe a imaginação ela não é independente, mas ela tem o poder de se afastar da realidade fazendo assim um processo de forma de conhecimento dessa realidade e é dessa forma que a imaginação se torna um trunfo importante para boa parte do processo de ensino-aprendizagem, pois o professor ao abordar um tema concreto de sua disciplina por meio de atos que instigue a imaginação vai dar aporte para que o aluno se distancie da realidade e abstraia o assunto e através de sua imaginação compreenda o tema, e para ajudar o aluno a compreender o tema para além da abstração imaginativa o professor pode utilizar o principal artifício mais característico da imaginação que é o ato da criação.

A imaginação usa de experiências passadas, experimentadas e armazenadas pelo cérebro para compor o repertório que dará origem a uma nova coisa, e como nós professores podemos colher bons frutos desse artifício da imaginação? É possível a partir da imaginação termos bases sólidas para a aquisição e criação de novos conhecimentos? Vigotski nos orientar dizendo que

Mas, afinal, a imaginação, como base de toda atividade criativa, manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Nesse sentido, absolutamente tudo ao nosso redor e foi criado pela mão do homem, por todo o mundo da cultura, ao contrário do mundo da natureza, é o produto da imaginação e da criação humana, baseada em imaginação. Toda invenção, diz Ribot, grande ou pequena, antes de ser feita na prática e consolidada, uniu-se à imaginação como uma estrutura erigida na mente por novas combinações ou correlações, (...) (VIGOTSKI, 2009, p.3).

Como podemos ver é possível ter a imaginação como base metodológica para o processo de educação sim, nós podemos tirar proveito dela através de atividades baseadas no incentivo da imaginação como foco na produção do signo imaginado, por exemplo pode ser utilizado nas ciências humanas atividades ligadas a composição de peças teatrais, a composição de poemas, músicas, tirinhas e etc. Nessas atividades o aluno será incentivado a utilizar a sua imaginação criadora e assim, possivelmente, compreenderá mais os temas abordados pelos professores, pois ele terá que fazer uma reflexão sobre o tema e logo após imaginar algo para aquele tema e assim ele fará o percurso (concreto > abstrato > concreto) primeiro estará no concreto quando o professor estiver dando sua aula sobre o tema e logo após, com o incentivo do professor através de alguma atividade, irá para o plano abstrato pensar o tema e o passo a seguir será tirar a ideia do abstrato e lutar com a materialidade do mundo para pôr sua ideia no concreto, como um artesão.

O cérebro não é apenas um órgão capaz de preservar ou reproduzir nossas experiências passadas, é também um órgão criativo e combinado; capaz de retrabalhar e criar novos elementos e abordagens com elementos de experiências passadas (VIGOTSKI, 2009, p.3).

Para Vigotski (2001) a formação de conceitos também é considerada um processo criativo, pois neste

processo educacional de formação e apreensão de conceitos é necessário muito mais que uma ligação mecânica entre a explicação do professor e o objeto, para entender o conceito é determinante que o ser reflita e tenha uma abstração, representação mental, de determinado conceito e como este conceito pode ajudá-lo a explicar a realidade que o envolve, então a formação de conceitos é um esforço intelectual que envolve a imaginação como habilidade de resolver problemas (Alencar, 1993).

METODOLOGIA

Nesta pesquisa foi utilizado o método qualitativo, onde propusemos um intercâmbio entre metodologias, primeiramente houve uma extensa revisão bibliográfica e logo após houve procedimentos práticos e fenomenológicos, em suma, teoria e vivência. Primeiramente, realizou-se um aprofundamento teórico e metodológico sobre a fenomenologia da imaginação de Bachelard (1991,1993,1994,2006) e sobre a imaginação e educação em Vygotsky (1998,2001) assim apreendendo subsídios para o enriquecimento da pesquisa; na segunda etapa houve o processo de elaboração e aplicação da atividade onde tentamos experienciar a imaginação e seus possíveis benefícios para o processo de ensino-aprendizagem na Geografia, o desenvolvimento dessas atividades foram apoiados em quatro etapas as quais Morgado (2001) propõe como metodologia para o desenvolvimento de atividades educativas, as etapas são: Concepção, planificação, implementação e avaliação.

Para a elaboração dessa atividade iniciamos com a etapa de *concepção* onde se planeja e desenvolve a atividade, nessa etapa pensamos e planejamos como e em qual momento e assunto aplicaríamos essa atividade; o passo seguinte, que diz a respeito à *planificação*, etapa onde se pesquisa o conteúdo e a estruturação inicial da atividade, realizamos várias pesquisas em livros, internet sobre a atividade, sobre o arcabouço metodológico de Bachelard e estruturamos as orientações; o próximo passo foi o de *implementação* onde explicamos sucintamente as idéias de Bachelard e explicamos a atividade e a colocamos em ação; por fim, na etapa de avaliação, identificamos aspectos negativos e positivos alcançados pela atividade.

A atividade em questão foi aplicada em uma aula sobre as categorias de análise da Geografia, depois da parte expositiva da aula fizemos a parte participativa onde iniciamos dando orientações sobre a atividade para os alunos, pedimos para eles escolherem uma categoria de análise da Geografia e fazer uma poesia sobre ela e depois iríamos fazer um sarau Geo-poético, onde fizemos uma avaliação do resultado alcançado com essa atividade.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ATIVIDADE QUE INCENTIVA A IMAGINAÇÃO CRIADORA PARACOMPREENDER AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA

A poesia é a principal forma de representação da imaginação criadora que Bachelard usa para exemplificar a sua teoria, para ele a poesia é fruto do devaneio poético, devaneio que se fez presente no papel. Os devaneios poéticos não são uma mera descrição empírica dos fatos, são, com o olhar fenomenológico, uma experiência individual, um mundo a ser revelado.

A experiência a ser relatada ocorreu em 2019 com a turma do 3º ano, de 30 alunos, com faixa etária de 18 anos, no IFBA, em período que eu estava de bolsista no PIBID, em uma aula sobre as categorias de análise da Geografia, após uma aula onde foi explicado todas as categorias de análise, eu pedi para que os alunos escolhessem uma categoria de análise da Geografia (Paisagem, lugar, não lugar, território ou região) e fizessem um poema que abordasse a ideia central daquele conceito, logo os alunos pediram para retornar a fazer a conceituação da categoria lugar, categoria a qual eles demonstraram mais interesse, e ao indagar o motivo, os alunos disseram que era o conceito mais fácil de fazer uma poesia, isso provavelmente porque é o conceito mais subjetivo da Geografia, O prazo para entregar as poesias era de uma semana, mas todos fizeram muito rápido e entregaram no final da aula, em 10 minutos todos já tinham entregado, algumas eram longas, outras bem curtas, mas todos fizeram e estavam perfeitas abordavam o conteúdo com um nível bom de entendimento dos conceitos.

Sobre o Lugar ser a categoria de análise que dominou a temática das poesias eu notei que a maioria vem demonstrando um sentimento de pertencimento, característica indissociável do conceito, mas esse fenômeno deve ter alguma relação com a vivência e experiência do *momento* juventude, que é um momento onde há uma necessidade de afirmação de uma identidade e nota-se que esta necessidade transobjetiva ao momento vivido serviu de gatilho para a grande maioria escolher a categoria lugar e falar de seu pertencimento, seja a sua cidade ou a sua casa, ou ao seu quarto. Existe uma necessidade inerente de mostrar que aquele era o seu lugar e que ele era isso.

Algumas poesias foram escolhidas para serem mostradas aqui, o critério de seleção destas poesias foram a forma que elas englobam todas as outras e seu tamanho, pois tivemos várias produções extensas e seria cansativo expor estas neste trabalho.

Poesias

Aluno 1:

Lugar meu

O que eu diria sobre o meu lugar?
Meu lugar deveria ser onde meus amigos estão,
Onde meus familiares estão,
Onde minhas coisas estão,

Mas meu verdadeiro lugar é onde eu quero estar,
Tendo poucos amigos por lá, alguns familiares
E sem coisas materiais, já que o meu lugar
Não se tem objeto e sim afeto.

Aluno 2:

Cantinho único

Meu cantinho é assim
Aconchegante, pequeninho
Fico sempre na espera
Só para poder ficar mais um pouquinho.

Na parede, o quadro
Na cama, a almofada
E assim que se entra
Já se encontra roupa amontoada.

Ele tem meu jeitinho
Minha personalidade
É uma relação tão forte
Que já ultrapassa a idade.
Minha prima diz que é pequeno

Já minha mãe, que é bagunçado

Mas não me importo

Deixo tudo isso de lado.

Pois, só eu sei.

A importância que ele tem para mim

Bagunçado ou acolhedor, pequeno eu me encaixo

Amo ele, desse jeitinho assim.

Aluno 3:

Bahia

Só queria por escrever

A sua imensidão

Seus cantos e encantos

E não deixar faltar

Nem uma vírgula, nem um ponto.

Mostrar o quanto és antiga

E ao mesmo tempo pueril

Descrever sua folia, sua fé e sua agonia

Falar quem tu és mãe, bem mais que gentil

Dos baianos, do Nordeste, do Brasil.

Só queria sentir seu sorriso

Descansar na beira do seu paraíso

Anunciar que tu és a Bahia

Meu lugar.

Aluno 4:

Nordeste

Nordeste, não teste
Chapéu de couro, cabra da peste.

A forma vem do homem
O conteúdo vem de deus
A seca vem da natureza
A solução vem dos seus.
Lavadeiras, cangaceiros
Maria bonita, lampião
Acendendo com seu fogo
Toda essa conexão.
Nordeste se mede
Não é qualquer um
Que cabe nesta veste.

Baseado nesses resultados da atividade, podemos afirmar que a atividade baseada na imaginação criadora está relacionadas a conectar a realidade dos estudantes com o conteúdo geográfico, fazendo com que a geografia faça sentido para o aluno a partir de suas vivências, consegui perceber que as poesias ou qualquer criação vai ter o mundo do aluno como ponto de partida para todo e qualquer assunto, dessa forma instigando a curiosidade e possibilitando a mais adesão do aluno as propostas de atividades dos professores.

E por fim, pode-se perceber que essa atividade teve a capacidade de acessar a realidade, o conhecimento prévio e aflorar os sentimentos dos alunos trazendo toda essa carga para o conteúdo, conseguindo humanizar e espacializar o conteúdo para o aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a empiria notamos alguns pontos muito importantes que devem ser relatados, um deles foi como esta metodologia expõe a valorização do aluno como sujeito participativo da sua aprendizagem, notamos que houve uma valorização das qualidades sensíveis durante a atividade e que os alunos se envolvem muito

mais com atividades que valorizam o aspecto sensível de suas personalidades, pois a escola tem o histórico de valorizar as qualidades do campo racional e quando um professor valoriza o campo sensível dentro desta instituição, que muitas vezes é taxada como extremamente racionalista, percebe o quanto a imaginação dos alunos é colonizada pela razão a qual o sistema escolar diz ser mais importante para a vida social, esta colonização foi percebida quando abriu o diálogo no fim da atividade para *feedbacks* e os alunos falaram que atividades como estas geralmente não tem resultados, são só para professores *encherem linguiça*, ou seja os professores passam atividades como estas, mas elas são só para consumir o tempo da aula e depois os resultados das atividades não são usados para contribuir para o conhecimento, logo dessa forma atividades que usam do imaginário ficam visadas como inúteis ou passa tempo, não como compreensão de qualquer tema abordado

Também foi percebido que durante a atividade os alunos ficaram mais acessível para debater sobre a realidade em que eles vivem e relacionar a sua vivência com o tema da aula que era as categorias de análise da Geografia, os alunos construíram os conceitos geográficos a partir da discussão de suas vivências e assim foram compartilhando qual era o seu lugar, seu território, uma paisagem que gostava e etc.

Para terminar é de suma importância abrir essa discussão, não somente devido os possíveis benefícios de se usar a imaginação como um procedimento metodológico para as aulas, mas o de ela ser um contraponto a razão opressora e dogmática que se dá no ensino das ciências nas escolas, este racionalismo exacerbado imposto pela instituição escolar acaba transformando a educação em desinteressante e muito distante da realidade do aluno o transformando em um simples copiadador e reproduzidor, então a imaginação pode ser um contraponto importante ao dar liberdade ao ato de compreender a realidade humana e para (FAYERABEND, 2011) esse ato de tentar compreender a realidade é um desejo intrínseco no ser humano, algo que está inerente no ser e que muitas vezes pode se realizar como um desejo afetuoso, muito distante do rigor racionalista e é deste desejo inicial de compreender a realidade que devemos pensar como dar nossas aulas e a imaginação pode ser um bom suporte metodológico para ajudar nossos alunos para compreender a realidade através de suas vivências correlacionando com a teoria.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.M.L.S. **Criatividade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi e revisão de Rosemary C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo:

Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Tradução José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BULCÃO, Marly. **Bachelard**: a noção de imaginação. Revista Reflexão, Campinas, nos 83/84, p. 11-14, jan./dez., 2003.

CASTELLAR, S. (org.). **Educação Geográfica teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2005.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FURTADO, Vanessa Clementino. **Estudos sobre imaginação e criatividade**: Contribuição de Lev Semenovich Vigotski e Cornelius Castoriadis. TEDE, São Paulo, set. 2013

HOLZER, W. **O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista**: uma contribuição para a Geografia Contemporânea. Geographia, Ano V, n.10, p.113-123, 20.

JOSEPH, M. **O trivium**: as artes liberais da lógica, gramática e retórica. Tradução e adaptação de Henrique Paul Dmyterko. São Paulo: É realizações editora, 2008.

PUJOL, Rosa. Educacion Cientifica para la ciudadanía em formación. In: Alambique, n. 32, abril, 2002.

RICHTER, Sandra. **Bachelard e a experiência poética como dimensão educativa da arte**. Santa Maria, v. 31 - n. 02, p. 241-254, 2006.

SILVA, A. N. B. . **Imaginação criadora e educação**: considerações sobre o pensamento de gastonbachelard. In: Anais da xvii semana de humanidades da ufrn. Natal, rn: ufrn, 2009.

VIGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte em la infância**. Madrid: Akail, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZANETIC, João. **Física também é cultura**. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.